
Biografando um imigrante: mas por que Jacob Aloys Friederichs?

*Haike Roselane Kleber da Silva**

Resumo: Este artigo propõe demonstrar a possibilidade e a validade de um estudo biográfico, tomando como foco a vida de Jacob Aloys Friederichs. Para isso, busca justificar a importância do personagem através de referências à sua pessoa na historiografia existente e também em aspectos específicos de sua atuação e liderança no meio teuto-brasileiro da cidade de Porto Alegre. Avalia, ainda, a produção de biografias entre os estudiosos da imigração alemã no sul do Brasil.

Palavras-chave: biografia, imigração alemã, germanidade.

Abstract: This article intends to demonstrate the possibility and the worthiness of a biographic study whose focus is the life of Jacob Aloys Friederichs. To do that it seeks to justify the importance of the figure by means of references to him in the existing historiography, and also in specific aspects of his performance and leadership in the German-Brazilian environment of the city of Porto Alegre. It also evaluates the production of biographies among scholars specialized in German immigration in southern Brazil.

Key words: biography, German immigration, Germanity.

Tomar como objeto de estudo um imigrante, com intenção de realizar sua biografia, leva a algumas reações mais imediatas da academia e da comunidade em geral. Uma delas é a de imaginar as relações familiares entre o pesquisador e o personagem, de onde proviria o interesse de desvendar os caminhos traçados pelo antepassado, de forma a se chegar à reconstrução da árvore genealógica. Outra reação é a de procurar, no catálogo da memória, nomes de imigrantes importantes, conhecidos ou por sua atuação na política ou por terem emprestado nome a ruas e museus. Ainda há os que preconcebem os resultados da pesquisa, na perspectiva de que uma biografia só revelaria o indivíduo estudado e nada mais, ou que resultaria num estudo

* Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: haike@terra.com.br

apologético à moda das biografias tradicionais. Em oposição a essa concepção, a micro-história vem mostrar que há mais a se encontrar: partindo de trajetórias particulares, também é possível se chegar às redes de relações mais amplas e visualizar diferentes aspectos do social, muitas vezes não revelados se não fosse reduzido o foco do olhar; e ainda, que a análise, a partir do indivíduo, não resulta, necessariamente, numa descrição minuciosa, curiosa ou lendária de sua vida (Ginzburg, 1989; Xavier, 2000).

Essas são reações com as quais a autora deste trabalho já se deparou. Ao responder que Jacob Aloys Friederichs foi uma liderança entre os teuto-brasileiros na cidade de Porto Alegre, em especial no âmbito dos clubes esportivos e sociais, outra reação se encadeia: “Ah! Nunca ouvi falar!” O desinteresse inicial pode advir do desconhecimento do papel dos clubes na sociedade imigrante: fomentadores do germanismo, espaços de atuação e articulação das elites comercial e industrial porto-alegrenses, que, na primeira metade do século XX, era em grande parte de origem étnica alemã. Pode derivar da percepção de que um nome mais ou menos desconhecido da historiografia não mereça ser biografado, resquício da noção de “grandes homens que fizeram a história”, de homens cujas vidas merecem ser narradas, idéia que já vem sendo contestada há bastante tempo. Tito de Camargo, por exemplo, o ex-escravo biografado por Regina Xavier (2002), é um desses desconhecidos que deixaram rastros de sua existência: uma existência que “teve uma pequenina notoriedade no século XIX” (Xavier, 2000, p. 166).

Mas Jacob Aloys Friederichs não é totalmente desconhecido para a historiografia gaúcha. Sua vida não mereceu, até agora, um estudo independente ou mais detalhado, sendo citado, como a maioria dos que são lembrados pela historiografia da imigração alemã, no interior de obras mais gerais, no caso específico, em textos sobre temas como germanismo, associativismo, esporte e movimento operário. Assim como o caso de Friederichs,

a vida e obra de alemães e teuto-brasileiros considerados importantes para a história da imigração e colonização ou apenas a nível local têm sido objeto de descrição e análise em obras de cunho mais geral, [...] e nas mais diversas publicações comemorativas e de cunho histórico, editadas, na maior parte dos casos, por instituições teuto-brasileiras (Seyferth, 1988, p. 14-15).

É de pouca significação, na bibliografia existente, a referência à pessoa de Jacob Aloys Friederichs entre as personalidades mais influentes junto à comunidade teuto-brasileira do sul do País. Em obras de cunho mais generalista, como a conhecida Enciclopédia Rio-Grandense (1956), dirigida por Klaus Becker, a menção à pessoa de Friederichs é bastante resumida.

Corona (apud Becker, 1995, p. 151-152) relaciona Aloys Friederichs entre os artistas, escultores e construtores alemães que desenvolveram seu trabalho no Rio Grande do Sul, apontando para alguns aspectos da sua trajetória como marmorista, os mesmos que podem ser encontrados em Damasceno (1971, p. 182-186). Amstad (Cem anos de..., 1924, 2000) relaciona Friederichs com o meio associativo, ressaltando sua participação na *Verband Deutscher Verein* (Federação das Sociedades Alemãs), onde, na qualidade de orador, juntamente com Alberto Bins, discursou em Alemão e em Português nas festividades do 7 de Setembro de 1922 (Cem anos de..., 1924, 2000, p. 306).

Mas é junto ao *Turnerbund*, hoje Sociedade de Ginástica Porto Alegre (Sogipa), na fundação e desenvolvimento desta sociedade, que o personagem é mais lembrado (2000, p. 320). Jean Roche, em sua obra *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul* (1969, p. 645) – generalista, porém acadêmica –, reserva um pequeno aparte ao personagem em questão, junto ao tema das sociedades (clubes), destacando-o como presidente do *Turnerbund* por longos anos, “fundador e animador do *Bismarckrunde* (Círculo de Bismarck), orgulhoso de sua origem alemã, mas profunda e sinceramente brasileiro”. Compara Friederichs a Koseritz – este último, jornalista de importante liderança entre os teutos no final do Império –, pois ambos naturalizaram-se cedo e exerceram influência sobre a população teuto-brasileira (1969, p. 645).

O personagem também é citado em obras de cunho comemorativo, como a de Blancato (1922), que dedica duas páginas de seu álbum denominado “As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no I Centenário da Independência do Brasil” à figura de Friederichs. Ali, o personagem é caracterizado como um “expoente” da “laboriosa colônia alemã” da capital. Blancato ressalta que a conquista do espaço social de Friederichs deveu-se à sua própria força e determinação, também à sua “força moral e dotes de mente e de coração”. No texto, comenta ainda o posicionamento do personagem frente à nacionalidade, visto como de cunho patriótico, uma vez que

tendo motivos de ufanar-se como filho da grandiosa Alemanha, deu exemplo de amar o Brasil, e deu-se à tarefa de congraçar os seus patrícios com os filhos desta terra, com os brasileiros, para um fim nobre e alevantado, qual é o de, em completa harmonia, solidariedade e alta compreensão do dever, trabalharmos para a união e grandeza da pátria brasileira. (s.p.)

Também registra a sua participação nas sociedades recreativas teutas e, em poucas linhas, o empreendimento econômico do personagem: a oficina de mármore e cantaria – “no seu gênero, uma das melhores em todo o Brasil”.

Entre os trabalhos acadêmicos, Friederichs pode ser encontrado, por exemplo, em Pesavento (1988, p. 66-67) como empresário representativo entre os sócios e ex-alunos da *Gewerbe Schulverein* (Escola de Ofícios) em 1923; ou ainda como industrialista destacado da sociedade local entre aqueles que fizeram parte das diretorias do Centro Econômico do Rio Grande do Sul – entidade que visava fomentar o desenvolvimento industrial e que espelhava as íntimas relações entre empresariado, governo gaúcho e governo alemão (1988, p. 120). A mesma autora, em artigo publicado em 1994, registra sua presença em meio à burguesia industrial de Porto Alegre, citando-o como representante do ramo da “estatuária e mosaico” (1994, p. 203).

Entre os trabalhos que se voltaram à temática do movimento operário em Porto Alegre, principalmente aqueles que trataram da greve geral de 1906, podemos encontrar referências à pessoa de Friederichs como o proprietário do estabelecimento no qual se deu o estopim da paralização. A análise dos acontecimentos referentes à greve dos marmoristas de J. Aloys Friederichs pode ser encontrada em Petersen (1979), Petersen e Lucas (1992), Bilhão (1999), Bak (1999) e Schmidt (2002).

Ao estudar a prática do *Turnen* (ginástica alemã) entre imigrantes, Leomar Tesche (1996, p. 64) insere J. Aloys Friederichs na história da Sogipa e, conseqüentemente, do *Turnen* no Rio Grande do Sul, como o maior responsável pela construção dessa sociedade, no sentido de incentivar a prática da ginástica e de difundi-la junto àquela população. De modo semelhante, Lothar Wiese (1990), ao analisar a constituição de sociedades de ginástica no Brasil, considera Friederichs a personalidade que mais forte influência ideológica exerceu sobre a *Turnwesen* (cultura da ginástica) no meio rio-grandense (Wiese, 1990, p. 260). Foi através desse esporte – o *Turnen* – que esse personagem iniciou seu trabalho em favor da germanidade. Wiese afirma não haver indício de participação de Friederichs em nenhuma sociedade de ginástica durante sua juventude, ou seja, antes de sua emigração, com o que quer demonstrar que seu envolvimento com o *Deutschtum* (germanidade) e, principalmente, com o *Turnen*, nasceu da experiência da imigração.

Mais recentemente, Imgard Grützmann (1999) inseriu J. Aloys Friederichs no conjunto de ideólogos do germanismo no Rio Grande do Sul. Analisando discursos veiculados na imprensa teuto-brasileira entre os anos de 1880 e 1940, Grützmann encontra, nos escritos de Friederichs, forte apelo germanista, tanto nos textos produzidos por ele quanto nos selecionados para suas publicações. A defesa do *Völkstum* – “o conjunto de características étnicas e culturais de um povo” (Grützmann, 1999, p. 79) – pode ser percebido em cada um de seus escritos. Na “desconstrução” dos discursos de Friederichs,

a autora se depara com elementos do ideário germanista, como a “virtude alemã”, a “fidelidade” e o desencontro entre as concepções de nacionalidade e cidadania. Grützmann encontra a síntese do pensamento desse personagem na seguinte frase: “em todo o amor ao Brasil, manter a fidelidade ao modo de ser alemão” (Friederichs apud Grützmann, 1999, p. 185).

Alguns motivos podem ser arrolados para a escassa referência a esse personagem na historiografia. Por um lado, seu pouco envolvimento com os canais formais de participação política (o Estado e os partidos políticos), ao contrário de Koseritz ou Alberto Bins, ou ainda Arno Philipp, que ascenderam a cargos no Legislativo e Executivo. Em meio a uma tradição de história política e de história política convencional (que desconsiderava os meios de atuação e participação políticas informais), Jacob Aloys Friederichs acabava por não aparecer no cenário. De outro lado, há também o critério espacial que marcou a historiografia da imigração alemã, onde a presença dessa etnia em Porto Alegre foi até agora insuficientemente explorada.

Se pouca é a referência a Friederichs na historiografia gaúcha, pequena também é a produção de estudos biográficos no campo da história da imigração alemã, principalmente no que se refere a trabalhos de cunho acadêmico. Giralda Seyferth (1988, p. 14), ao revisar a bibliografia sobre imigração e colonização alemã no Brasil, concluiu que “apenas algumas das figuras de maior projeção no meio teuto-brasileiro tiveram sua vida analisada em profundidade”. Entre os personagens destacados estão o Dr. Hermann Blumenau, o naturalista Fritz Müller e Karl von Koseritz.

Já nos “Simpósios de Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul”, organizados pelo Instituto Histórico de São Leopoldo, o gênero biográfico tem tido um maior espaço. Diversos personagens são ali ressaltados, grande parte deles a partir de visões laudatórias e lineares, na perspectiva de resgatar o tradicional binômio *vida e obra* dos biografados. Nesse grupo de trabalhos podem ser citados os estudos sobre Lindolfo Collor (Moog, 1976, p. 19-41); Friederich Bieri (Telles, 1976, p. 115-134); Pe. Teodoro Amstad (Neis, 1976, p. 239-257); Ernst Kunert (Kunert, 1978, p. 249-267); Klingelhoefter (Hunsche, 1984, p. 137-144) e João Hillebrand (Dörnte, 1984, p. 145-148).

Dentre os de caráter mais analítico,¹ pode-se destacar as biografias de Karl von Koseritz e Friedrich Wilhelm Brepohl. O primeiro, foco ainda hoje de muitas controvérsias e grande interesse acadêmico, foi objeto de investigação de vários trabalhos. Pelo levantamento realizado por René Gertz (1999), organizador da obra *Karl von Koseritz*: seleção de textos, pelo menos três autores já buscaram biografar esse personagem. Reinhard Köhne, em 1937, analisou “Karl von Koseritz e os incílios da política teuto-brasileira”, no qual concluiu que esse foi o “pai do teuto-brasileirismo” (Köhne apud

Gertz, 1999, p. 7). Carlos Henrique Oberacker, em 1938, publicou *Karl von Koseritz e a luta da população de origem alemã por sua posição político-estatal e étnico-política no império brasileiro*, criticando sua pouca convicção em relação à autopreservação étnica. Em referência a esse estudo, Gertz avaliou: “o trabalho se presta muito bem para uma análise daquilo que significava o ‘germanismo’ para Koseritz e o que veio a significar para a maioria dos germanistas na década de 1930” (1999, p. 9). Os dois estudos foram produzidos na mesma época, mas diferenciam-se quanto à maior ou à menor tendência do personagem ao germanismo. Posteriormente, outros trabalhos sobre Koseritz foram produzidos – José Fernando Carneiro (1959), e novamente Oberacker (1961) –, preocupando-se essencialmente com a sua condição de representante da “colônia alemã”, a exemplo dos primeiros (Gertz, 1999, p. 11). A julgar pela afirmação de Gertz (1999, p. 7) de que “uma biografia de Karl von Koseritz ainda está por ser escrita”, nota-se que o personagem continua ocupando lugar de destaque e interesse entre os expoentes da imigração alemã.

Marionilde Magalhães (1993) também concentrou sua atenção sobre a biografia de um personagem da comunidade imigrante alemã. Ao analisar, em sua tese de doutorado, a trajetória de Friedrich Wilhelm Brepohl, viu o personagem como um intelectual que se transformou de religioso pietista em pangermanista ou, como deixa claro, fiel adepto da política nacional-socialista. Foi pastor, livreiro, editor, redator e pesquisador da imigração alemã de várias localidades, principalmente no que se refere à região para a qual se dirigiu como imigrante – o Paraná, mais propriamente, Ponta Grossa. Em artigo de 1989, Magalhães caracterizou Brepohl como um germanista simpatizante da Liga Pangermânica. Na tese (1993), buscou centrar sua análise no pangermanismo, inclusive caracterizando Brepohl como intelectual pangermanista (1993, p. 243). O texto da biografia do personagem, no entanto, leva a concluir que seu posicionamento político em relação ao germanismo alinhava-se ao nazismo (movimento posterior ao pangermanismo, mesmo que dele tenha bebido muitas de suas idéias). O texto de Marionilde Magalhães, no entanto, não relaciona a primeira parte do trabalho com a biografia de Friederich Wilhelm Brepohl que fecha sua tese.

Ainda pode ser integrada no rol dos trabalhos com preocupação mais analítica a breve biografia de Hermann Gottlieb Dohms, produzida por Martin Dreher (2001). Esse personagem já havia sido foco de interesse do autor em trabalho anterior (Dreher, 1984) e, recentemente, foi retomado com o objetivo de divulgar e, a partir daí, lançar à discussão acadêmica, alguns dos textos produzidos pelo personagem que, durante sua vida, transformou-se numa das maiores lideranças entre os imigrantes alemães luteranos.

Em sua ampla maioria, os personagens biografados nos trabalhos referidos foram homens destacados por sua liderança entre os teutos, principalmente nos âmbitos político e religioso, dando-se ênfase à sua relação com a germanidade, à difusão desse ideal, à sua influência formativa sobre a opinião pública. A afirmação de uma identidade teuto-brasileira esteve central ou tangencialmente incorporada no discurso desses intelectuais, com variações de enfoque que pendiam ora para uma maior assimilação (caso de Koseritz), ora para o alinhamento com a política externa alemã (caso de Friederich Brepohl). A biografia de J. Aloys Friederichs – que está sendo construída pela autora² – vista pela ótica da temática que a envolve, alia-se a essa tendência: foco nas lideranças que se envolveram com a questão da germanidade. Diferencia-se das biografias mais laudatórias por evitar o binômio *vida e obra*, por não buscar a positivação da memória do personagem, ou a celebração dos feitos cronologicamente organizados da vida de Friederichs. Por outro lado, diferencia-se também dos trabalhos até agora realizados a respeito de lideranças teutas, que tomaram essa posição privilegiada como um “dado” e buscaram demonstrar os posicionamentos dos líderes a partir desse fato. Procura, pelo contrário, analisar o processo de formação dessa liderança, acreditando nas múltiplas interferências e na invisibilidade de uma trajetória.

Até aqui, justifica-se o estudo da vida de Friederichs pela historiografia, que, de um lado, refere-se a ele de forma esparsa, mas aponta para sua atuação como liderança no meio étnico alemão; por outro, mesmo que com poucas menções, interessa-se hoje também por indivíduos de menor representatividade social, através de referenciais teóricos desenvolvidos sobretudo pela micro-história, não importando, para o caso em questão, o quão “*conhecido*” ou “*grande homem*” o personagem foi. Porém, para além dessas alusões, Friederichs existiu, integrou-se ao seu meio, constituiu uma identidade para si, defendeu ideais que considerava certos e deixou para os historiadores uma ponta de fio com o qual se pode começar a tecer a história de sua vida e o que a envolveu. Não apenas vestígios de sua participação política junto às associações, mas também de sua vida privada foram guardados.³ Através da análise de um grande número de correspondências – ancorada no trabalho de Ângela de Castro Gomes (2000)⁴ –, é possível perceber a constituição de uma rede de sociabilidade intelectual da qual fazia parte o personagem, rede esta que tinha o *Deutschtum* (germanidade) como foco de discussão. Entre os correspondentes de Friederichs, encontram-se pessoas de influência na colônia alemã, não apenas na cidade de Porto Alegre (lideranças de clubes e federações teutas, representações diplomáticas alemãs sediadas na cidade, etc.), mas também indivíduos de projeção em outras cidades de imigração alemã, como Santa Cruz do Sul

(RS), Panambi (RS), Joinville (SC), ou até representantes da colonização alemã em São Paulo e no Rio de Janeiro. Alguns correspondentes foram importantes ideólogos do *Deutschtum*, com publicações a respeito da colonização alemã no Sul do Brasil.⁵ A correspondência com o Exterior é bastante vasta, incluindo aí a Argentina e o Chile, mas em número muito maior a Alemanha. Nesse caso, além da constituição de uma rede de sociabilidade, pode-se concluir da constante atualização de sua germanidade através do contato freqüente com o país de origem.

O que mais poderia reforçar a idéia de que Jacob Aloys Friederichs merece uma biografia? Ora, a demonstração de sua atuação como liderança, não apenas na direção de associações, mas também como produtor de discursos em favor do *Deutschtum*.

Jacob Aloys Friederichs nasceu em 3 de fevereiro de 1868, na aldeia de Merl, na então Província do Reno, hoje Renânia-Palatinado, na atual Alemanha. A estreita faixa de terra, espremida entre o rio Mosela e a montanha, já demonstrava, desde o século X, sua vocação para a produção vinícola,⁶ atividade à qual também se dedicava a família Friederichs. Aos 16 anos, Jacob Aloys trocou a pequena Merl pela grande Porto Alegre. Em 1884, Friederichs deixava as margens do Mosela para viver às margens do Guaíba, deixava a pátria alemã para integrar-se à pátria brasileira.

Vários motivos podem ter levado o personagem a emigrar. Em primeiro lugar, outros três irmãos já haviam saído da Alemanha em direção ao Brasil. Não só esses familiares, mas também outras famílias conhecidas na região haviam tomado esse mesmo rumo. Esse poderia ser um estímulo: famílias de imigrantes chamavam outras famílias de imigrantes; indivíduos das mesmas localidades na Alemanha acabavam sendo novamente vizinhos. Jean Pierre Raison (1986, p. 495) afirma que “por vezes, êxitos individuais desencadeiam rapidamente efeitos de bola de neve, e a migração de um pioneiro pode atrair grupos de conhecidos que depois levam à formação e à manutenção de uma comunidade de atividades profissionais”. Em 1884, a “bola de neve” já tomava grandes dimensões em toda a região do Reno e do Mosela, em especial das terras que ultrapassavam os morros das duas margens desse rio: a região do Hunsrück e do Eifel.⁷

Órfão de pai desde o nascimento, Jacob Aloys veio seguir os passos do irmão mais velho, o imigrante Miguel Friederichs, que desde 1875 se encontrava no Brasil. Miguel tinha profissão: era canteiro (profissional que realiza trabalhos em pedra para ornamentos de construções e monumentos) e possuía uma oficina de cantaria, que iniciara em Lomba Grande (6º distrito de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul), mudando-se para a Capital do

Estado no início de 1884. Karl von Koseritz colaborou para o bom começo do estabelecimento em Porto Alegre, anunciando, mas também recomendando, em seu jornal, os trabalhos do “primoroso canteiro conhecido de toda a colônia, a quem se devem os melhores ornamentos nas construções das igrejas; um verdadeiro artista na sua especialidade de produção de túmulos e trabalhos em construção[...] difícil de encontrar um melhor”.⁸ Parecia mesmo difícil, naquela época, encontrar-se um canteiro melhor, já que esses profissionais do ramo da escultura eram numericamente inexpressivos no Rio Grande do Sul até o início do século XX. Para ornamentar as igrejas, prédios e cemitérios, costumava-se importar da Europa a grande maioria das peças (Doberstein, 2002, p. 59).

Na profissão de canterio e marmorista, Friederichs construiu sua condição social como membro da elite urbana de Porto Alegre. Foi iniciado como aprendiz de canteiro aos 16 anos; com 19 anos, já era oficial, e aos 22 anos, tornava-se mestre. Em fevereiro de 1891, passou a ser proprietário da oficina e, a partir daí, conseguiu fazer dela uma referência no ramo, recebendo prêmios em exposições, trabalhando para as famílias mais abastadas da Capital ou participando de instituições que procuravam integrar os empresários gaúchos, como o Centro Econômico do Rio Grande do Sul, por exemplo.

Segundo o censo de 1907,⁹ a marmoraria de Aloys Friederichs era, nesse ano, a maior dentre as três existentes no Rio Grande do Sul.¹⁰ Com um capital de 100:000\$ (100 contos de réis), representava 44% do total empregado no setor. Era gerida por força manual, assim como as outras empresas do ramo no Estado; quadro que se alterou em 1912 – na já então Casa Aloys – com a compra de maquinário instalado, em 1914, no prédio vizinho à oficina.¹¹ Frente a outros representantes da elite teuta, Friederichs não pode ser considerado dos mais afortunados, como mostra o caso de Alberto Bins, no mesmo período, com capital que atinge os 350:000\$ (350 contos de réis). Mesmo assim, Aloys orgulhava-se de seu empreendimento econômico, considerando-o, em 1916, “a maior” oficina de mármore no Brasil, levando em conta a qualidade “artística” e a “organização técnica”.¹² Em 1920, dividia o mercado, na cidade de Porto Alegre, com outros empresários teutos. No setor de escultura e decoração de fachadas, além da Casa Aloys, concorriam pelos trabalhos João Vicente Friederichs, Fernando Gerber, Anton Pfeiffer e Oscar Roehle. Os mesmos, excetuando Oscar Roehle, executavam também monumentos em sepulturas. Fernando Gerber e Anton Pfeiffer ainda competiam com Aloys Friederichs pelo mercado específico do mármore.¹³ Além da “maior” oficina de mármore do sul do

Brasil, Friederichs usava da tradição como propaganda para a “mais antiga” casa produtora de monumentos artísticos.¹⁴

O personagem em questão orgulhava-se de ter sido um empresário pioneiro no estabelecimento das 8 horas diárias de trabalho em Porto Alegre. É essa, ao menos, sua compreensão dos acontecimentos ocorridos em 1906, ou é a visão que pretende divulgar.¹⁵ Nesse ano, ocorreu a primeira greve geral da cidade, na qual diversas categorias de trabalhadores reivindicavam a redução da jornada de trabalho. O conflito nasceu dentro da oficina do “mestre Aloys” e alastrou-se de forma a representar um marco na construção da consciência de classe do operariado gaúcho. A resposta dos empresários da Capital, propondo a redução para 9 horas diárias de trabalho, revela, também, a gestação de uma identidade patronal. Dentro desse embate, encontrava-se também Jacob Aloys Friederichs, que buscou alternativas independentemente do acerto da elite empresarial, pressionado pelos trabalhadores, terminando por conceder a eles a jornada de 8 horas de trabalho.¹⁶

No âmbito do trabalho, da produção de bens materiais, Friederichs buscou demonstrar seu apego à pátria brasileira. É assim que se expressa ao afirmar que “com a idade de 16 anos, eu pisava o solo do Brasil, o qual no decorrer dos decênios ficou sendo minha Pátria adotiva, meu lar escolhido e grangeado pelo trabalho”.¹⁷ O ideal de construir a fidelidade ao Brasil a partir do trabalho acompanhou boa parte da trajetória de Friederichs, o que vai ao encontro das concepções difundidas desde o final do século XIX por intelectuais teuto-brasileiros.¹⁸ Em seus discursos, afirmava repetidas vezes a necessidade de se dedicar ao engrandecimento do Brasil, mantendo as características da nacionalidade alemã – no caso, vista como sinônimo de etnia. Como escreveu Maria Rohde, após alguns anos da morte de Friederichs:

Ali trabalhou o mestre Aloys no meio da campanha do martelo e do zunido das máquinas incansavelmente sobre sua mesa até os últimos dias de sua velhice. Ele permaneceu sempre fiel a si mesmo e a seu lema – “reza e trabalha” – e foi em todas as vicitudes dos tempos sinceramente alemão para a sua pátria adotiva.¹⁹

Na condição de imigrante, Friederichs perdeu, em 1884, a cidadania alemã. A partir da Proclamação da República, em 1889, lhe foi concedida a cidadania brasileira.²⁰ Manteve vivo, no entanto, seu pertencimento à nação alemã, alicerçado em duas noções: fidelidade e virtude. No modo de ser alemão, no uso do idioma, na manutenção dos costumes, na vitalidade física do alemão, na capacidade para o trabalho, aí estavam as virtudes que deveriam ser cultivadas em favor da nova pátria, a pátria brasileira. A fidelidade ao seu caráter alemão, ao seu *habitus*,²¹ seria dedicada ao crescimento do Brasil.

A assimilação representaria uma traição a este país, uma vez que as virtudes do “modo de ser alemão” desapareceriam. Para Friederichs, não era suficiente dedicar ao Brasil os deveres de cidadão (participação política e econômica) e, por outro lado, manter as tradições de origem no âmbito do privado. Tinha convicção de que a essência da relação com a nova pátria estava na “fidelidade ao modo de ser alemão”. Algumas passagens de seus discursos proferidos em momentos festivos do meio associativo que dirigiu demonstram o que se acaba de afirmar. Em 4 de outubro de 1924, durante os festejos em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil, ele declarava veementemente:

A quem entre nós, de descendência alemã e sangue alemão, nestes sublimes dias comemorativos ao centenário do trabalho alemão, não repicarem os sinos da velha pátria de origem; quem não ouvir a voz da venerável, tão freqüentemente humilhada, mas sempre grande e imponente mãe Germânia; quem não se declarar, com alegria e orgulho, partidário da germanidade, que se separe de nós; nós o ajudaremos a fechar a porta atrás de si; nós não choraremos por ele.²²

O *Volkstum*, entendido como conjunto de características de um povo – segundo Grützmán (1999, p. 79) – é outro termo essencial do pensamento de Friederichs. Ele é “tudo que concerne à filiação a um determinado povo”. Nesse sentido, o *Deutschtum* é o *Volkstum* alemão.

Nossa germanidade é doadora de forças, na qual os fios de nossa alma e de nosso coração e nossas raízes sempre de novo precisam mergulhar para um novo fortalecimento, de onde nós extraímos as melhores forças, as quais nós submetemos em proveito e favor da prosperidade da pátria brasileira.²³

Friederichs tinha consciência de sua germanidade (entendida como *Deutschtum* ou *Deutscher Volkstum*) e buscou reforçá-la por meio de palavras e também de ações. Nesse sentido, coloca-se também sua atuação no meio associativo teuto, em especial nas sociedades de ginástica. Não foi como atleta que teve destaque, mas como liderança política no interior das sociedades e federações esportivas e como difusor da ideologia da germanidade.

Quando chegou ao Brasil, Friederichs buscou primeiro integrar-se à cidade de Porto Alegre por meio de seu trabalho, onde não teve dificuldades devido a uma rede de solidariedade existente, que permitia aos novos imigrantes encontrarem seu lugar na sociedade receptora. No decorrer dos anos, com a manutenção do uso do idioma alemão na cidade e no interior do Estado e com a chegada de novos contingentes de imigrantes, criava-se

uma estrutura cada vez maior de recepção aos estrangeiros. A “solidariedade de origem”, assim como o contraste com a cultura local, produziam jornais alemães, igrejas alemãs e clubes alemães. Foi então que Friederichs decidiu se dedicar à ginástica, associando-se, em 1888, a um dos dois clubes (voltados a essa atividade) existentes na cidade, naquele momento. No *Turnklub*, iniciou sua ascensão política, sendo em 1892 o tesoureiro da sociedade. Neste mesmo ano, ocorre a fusão dos dois clubes – o *Turnklub* e o *Deutscher Turnverein* (Sociedade Alemã de Ginástica) –, resultando no surgimento do *Turnerbund* (Sociedade/Liga de Ginástica). Comprovando a influência que já alcançara, mesmo ainda jovem, Friederichs se torna pela primeira vez presidente desse clube em 1893. No *Turnerbund* (hoje Sogipa), teve atuação de liderança desde 1892 até 1929 (como presidente nos anos de 1893 a 1897; de 1901 a 1914; de 1917 a 1929). Ainda em 1895, constituiu a Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul (*Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul*), instituição por meio da qual fazia alcançar seu discurso a outras sociedades do gênero no Estado. Fundou também, em 1899, a *Schwimmbadverband* (Federação de Natação) e, em 1909, a *Bismarckrunde* (Círculo de Bismarck – grupo que se reunia uma vez por ano para brindar o aniversário de Bismarck).²⁴ Teve influência também na *Verband Deutscher Vereine* (Federação das Sociedades Alemãs), que agrupava diversas sociedades do Estado com o objetivo de garantir “a preservação dos direitos e da índole alemã assim como a promoção da germanidade como um todo, pela realização de festas patrióticas alemãs, pelas iniciativas com finalidades beneficentes” (Cem anos..., 1924, 2000, p. 304). Enquanto presidente do *Turnerbund*, influía também na vida de outras instituições similares, na medida em que esta sociedade tinha posição de liderança no meio associativo teuto. Segundo Amstad, na obra *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul* (2000, p. 321), o *Turnerbund*

é um hino de louvor ao idealismo alemão, à coerência e à persistência dos objetivos que se julgam os acertados. Apoiado pelas simpatias e pela sustentação de praticamente toda a germanidade da capital, a Federação [leia-se *Turnerbund*] pode ser considerada a associação profana mais popular e mais profundamente ancorada em extensas camadas, comprovado pelo elevado número de associados.

Por meio da sua atuação junto ao meio associativo, Friederichs divulgou seus posicionamentos em favor do *Deutschtum*, influenciando diretamente como presidente, em alguns casos, discursando como orador, em outros. As grandes festas de ginástica, como também os demais acontecimentos festivos da comunidade étnica alemã de Porto Alegre, foram momentos de concentrada possibilidade de penetração do seu discurso. Para

os que não tiveram chance de ouvi-lo, restava ainda a chance de lê-lo nas páginas que publicou. Entre elas está a “coletânea de discursos” que proferiu nas festividades de ginástica realizadas pela federação (*Turnerschaft*), intitulada *Reden bei Feiern der Turnerschaft und des Verbandes Deutscher Vereine* (1928).²⁵ A partir desses textos, é possível perceber as idéias e proposições de Friederichs em relação à questão da germanidade, à forma de integração do teuto-brasileiro no País e à sua percepção da “fidelidade ao modo de ser alemão”.

Na esperança de ter conseguido demonstrar brevemente a pertinência da pesquisa biográfica, tendo como foco a pessoa de Jacob Aloys Friederichs, a autora resume as características do personagem: produtor de discursos, dirigente de associações, sua atuação transcendeu o universo étnico, fato demonstrado em sua importância como empresário em um momento de constituição da burguesia gaúcha. Sendo assim, a escolha de Jacob Aloys Friederichs, como um imigrante a ser biografado, parece possível, plausível e acertada.

Notas

¹ O que quer dizer, que não são puramente descritivos, lineares e apoloéticos; ou então, com maior referência ao contexto.

² Projeto de Tese de Doutorado intitulado J. Aloys Friederichs: a trajetória de um líder teuto-brasileiro em Porto Alegre (1868-1950), aprovado em banca de Exame de Qualificação em outubro de 2002, pelo PPG em História da Ufrgs.

³ Como presidente do antigo *Turnerbund* (hoje Sogipa), e também como fundador e presidente da *Turnerschaft* (Federação de Ginástica), Friederichs produziu documentos que foram preservados e estão hoje à disposição dos pesquisadores. Existe uma vasta documentação ainda inédita, tanto no Memorial Sogipa como no Acervo Benno Mentz (ambos em Porto Alegre), a qual informa sobre a atuação do personagem em análise no âmbito do associativismo,

sobretudo a respeito de seus posicionamentos e atitudes junto ao *Turnerbund*. Livros de atas da diretoria, correspondências expedidas e recebidas pelo presidente da entidade, publicações periódicas, além de fotografias referentes a eventos ocorridos no clube – abrangendo praticamente todo o período em que Friederichs fez parte da instituição – estão acessíveis no Memorial Sogipa. Mas é de primordial importância o arquivo pessoal do personagem, que foi doado ao então Instituto Genealógico Frederico Mentz, hoje Acervo Benno Mentz.

⁴ Gomes demonstrou a possibilidade de se considerar como espaço de sociabilidade a correspondência pessoal de Gustavo Capanema, de onde buscou construir o “mapeamento de uma rede de sociabilidade intelectual, expressa e acessível pela correspondência, que tem o ministro como centro” (p. 15).

⁵ Podemos exemplificar com algumas figuras como Robert Jannasch, Ernst Niemeyer, Wilhelm Brepohl, Franz Metzler e Otto Meyer. Jannasch é citado por Seyferth (1988, p. 21) como um escritor que produziu textos sobre a colonização “sob a influência do pangermanismo”; o mesmo foi referido por Wiese (1990, p. 264) como a ponte entre Friederichs e as grandes federações nacionais alemãs do *Reich*. Ernst Niemeyer e Wilhelm Brepohl escreveram e publicaram a partir da ótica do germanismo (Seyferth, 1988, p. 16), sendo que Brepohl é caracterizado, mais tarde, por Magalhães (1993) como um intelectual pangermanista e partidário do nacional-socialismo. Franz Metzler foi diretor do *Deutsches Volksblatt*, jornal católico fomentador do *Deutschtum* que contribuiu para a discussão interna do germanismo (Gertz, 1998, p. 38); segundo Seyferth (1988, p. 20), Metzler posicionava-se “contrário a qualquer identificação dos teuto-brasileiros com o partido nazista”. Otto Meyer era um poeta germanista, grande correspondente de Friederichs, com mais de duzentas correspondências (entre 1908 e 1947) trocadas entre eles.

⁶ Segundo Gilles (1997, p. 43-48), já existe menção à produção de uvas na região, pelo menos, desde o século X; fato constatado em uma canção latina datada desse período.

⁷ O *Hunsrück*, à margem direita do Mosela, era uma das regiões que, em 1884, já estava marcada por uma tradição emigratória (Willems, 1980, p. 35). Processos vividos desde o final do século XVIII, como pressão demográfica, guerras e doenças fizeram com que a emigração se transformasse, nesta região, numa das primeiras soluções aos problemas que as diferentes conjunturas foram revelando no decorrer dos anos. Dali vieram muitos dos alemães que se fixaram no Brasil. Do Eifel, à margem esquerda do rio Mosela, a emigração ocorreu preferencialmente

no sentido dos Estados Unidos da América. Essas terras do sudoeste da Alemanha foram consideradas como a “região clássica da emigração de alemães” no século XIX (Scheben, 1932, p. 259).

⁸ “Miguel Friederichs, der auf der ganzen Colonie bekannte vortreffliche Steinmetz, dem Kirchenbauten und Kirköse ihren besten Schmuck danken, hat sich auf Verlangen verschiedener Bau-Unternehmer hier niedergelassen und seine Werkstätte im Caminho Novo nr. 62 eröffnet. Herr Friederichs ist ein wahrer Künstler in seinem Fach und für die Anfertigung von Grab-Monumenten und Bau-Arbeiten wird es schwer sein, einen besseren zu finden. Da die Verwendung von Sandsteinornaten bei Bauten täglich mehr in Schwung kommt da ja in der Provinz wirklicher Ueberfluss von vorzüglichstem Sandstein ist, sind wir sicher, dass es dem ebenso bescheidenen wie begabten und fleissigen Künstler nicht an Kundschaft fehlen wird”. Koseritz Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 30/1/1884, p. 2. Acervo Benno Mentz.

⁹ Censo de 1907, p. 87. Censos e Estatísticas, Núcleo de Pesquisa Histórica/UFRGS.

¹⁰ Entre as três empresas do setor de mármore citadas pelo censo, uma é de João Vicente Friederichs. Nesse sentido, o sobrinho estava realmente fazendo concorrência ao tio, apesar de ter menor capital (50 contos de réis). Mas as demais fontes pesquisadas indicam a especialização de João Vicente em outros materiais que não o mármore. Outras informações relevantes que o censo apresenta: número de trabalhadores empregados nas marmorarias do Rio Grande do Sul: 77; número geral de trabalhadores em mármore no país: 439; número geral de estabelecimentos desse ramo no País: 23.

¹¹ Em 1954, quando Aloys já havia morrido, a empresa contava com o seguinte maquinário: 3 polideiras, 1 betoneira, 1 compressor, 2 motores elétricos, 1 furadeira, 1 torno e 1 caminhão Ford 1934. Processo n. 80422, Junta Comercial do Rio Grande do Sul.

¹² “Die grösste künstlerisch wie technisch bestorganisierte Marmorwerkstätte in Brasilien”. Propaganda da Casa Aloys. Familienfreund, 1916 (para 1917), s.p. Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros/Unisinos.

¹³ Lista de estabelecimentos comerciais, industriais e serviços existentes na cidade de Porto Alegre. Familienfreund, 1920 (para 1921), s.p. Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros/Unisinos.

¹⁴ “Älteste und grösste Werstätte für Denkmalskunst in den Südstaaten”. Propaganda. Familienfreund, 1929 (para 1930), s.p. Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros/Unisinos.

¹⁵ Relato publicado em Noticiário Semanal. Histórico da Casa Aloys Ltda. Indústria do mármore, granito e bronze, oferecido aos seus amigos e fornecedores em comemoração aos 65 anos de sua fundação e atividade: 1884-1949. Para o ano de 1950. Porto Alegre: Sul Imprensa, 1950, s.p.

¹⁶ As soluções independentes nas situações de greve eram comuns, tendo em vista que a identidade de classe do empresariado ainda estava sendo gestada.

¹⁷ Declaração de J. Aloys Friederichs, 1942. Mimeo, Memorial Sogipa.

¹⁸ A categoria teuto-brasilidade ou Deutschbrasilianertum, desmembrada nas duas expressões que a compõe, traz em primeiro plano o elemento identificador étnico ou nacional (de acordo com a

concepção romântica alemã), e em segundo, a afirmação da cidadania brasileira. Nesse sentido, afirma Seyferth (1989: 104), que “a concepção de cidadania aparece claramente associada à esfera político-econômica e, mais explicitamente, ao *ethos* do trabalho. Trabalhar para o engrandecimento do País seria, nesse caso, a expressão máxima do dever do cidadão”. A idéia é a de que a capacidade do trabalho, assim como a nacionalidade, “é herdada e inerente ao indivíduo de origem alemã” (Seyferth 1994, p. 18-19). Mas para que essa capacidade se mantenha, é necessário que o indivíduo permaneça alemão, “seu comportamento na sociedade brasileira deve ser norteadado pela ‘germanidade’.”

¹⁹ “Dort arbeitete Meister Aloys inmitten des Klingens der Hämmer und des Brausens der Maschinen unermüdet an seinem Schreibtisch, bis in die letzten Tage seines hohen Alters. Er ist sich selber und seinem Wahlspruch – Bete und arbeite – immer treu geblieben und war in allen Wechselfällen der Zeit, als aufrechter Deutscher seiner Wahlheimat herzlich zugetan”. Maria Rohde. *A Nação*, 25 de maio de 1955. Tradução livre da autora.

²⁰ Informado em Declaração, 1942, mimeo, Memorial Sogipa. No entanto, não foi encontrado nenhum pedido oficial de naturalização por parte de Friederichs nessa data. Talvez, o personagem tivesse pressupondo naturalização automática, a partir do Decreto n. 13A, de 26 de novembro de 1889, que concedia “naturalização a todo estrangeiro que o requerer, independente das formalidades exigidas pelos Decretos ns. 808A, de 27 de julho e 1950 de 12 de julho de 1871” (Decretos do governo provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, 1º fascículo [15 de novembro a 31 de dezembro de 1889]. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890, p. 23. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul). Em seu testamento, Friederichs afirma ser cidadão brasileiro naturalizado, de acordo com

o título declaratório n.7.933, de 12 de junho de 1944, que também não pode ainda ser encontrado (Testamento de Jacob Aloys Friederichs, n.1.379, maço 15, estante 21, fundo Cartório da Provedoria, 20/07/1950 [autuação], Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul). Em carta remetida ao sobrinho, na Alemanha, em 1º de novembro de 1946, Friederichs esclarece que, embora fosse cidadão brasileiro desde 1889, não tinha nenhuma carta comprobatória até 1942.

²¹ Na perspetiva de Norbert Elias, *habitus* consiste em algo semelhante a caráter nacional ou “segunda natureza”, “saber social incorporado”, o que quer dizer, para o autor, uma sedimentação de experiências sociais do corpo da nação nos modos de ser individuais: “os destinos de uma nação ao longo dos séculos vêm a ficar sedimentados no *habitus* de seus membros individuais” (Elias, 1997, p. 30).

²² “Wem daher unter uns, der deutschen Stammes und deutschen Blutes ist, in diesen erhebenden Gedenktagen deutscher Jahrhundertarbeit nicht die Glocken der alten Stammesheimat läuten, wer nicht in sich die Stimme der ehrwürdigen, so oft gebeugten, aber stets grossen und stolzen Mutter Germania hört, wer nicht mit Freude und Stolz zum deutschen Volkstum bekennt, der möge sich scheiden von uns, wir helfen ihm die Türe hinter sich zumachen, wir weinen ihm keine Träne nach” (Friederichs, 1928, p. 37). Tradução livre da autora.

²³ “Unser deutsches Volkstum ist der kraftspendende Mutterboden, in den sich unsere Seelen- und Gemütsfäden und Wurzeln immer wieder zu neuer Stärkung versenken müssen, aus dem wir die besten Säfte und Kräfte ziehen, die wir uns zum

Nutzen und zum Segen des Vaterlandes Brasilien dienstbar machen/**” (Friederichs, 1928, p. 24). Tradução livre da autora.

²⁴ Segundo Telles, a *Bismarckrunde* foi uma agremiação de cunho patriótico alemão, que existiu entre os anos de 1909 e 1929 (com exceção de 1918 e 1919). Esse círculo reunia alemães das camadas mais abastadas da sociedade porto-alegrense e fomentava o germanismo entre seus membros. Telles afirma que a *Bismarckrunde* se manteve afastada do nazismo e que Friederichs (fundador do grupo) “era persona non grata aos nazistas” (Telles, 1974).

²⁵ Também é de sua autoria o trabalho “Die Bismarckrunde in Porto Alegre: ihre Entstehung und Entwicklung” (1929), edição comemorativa aos 20 anos do “*Círculo de Bismarck*”. Compilou ainda diversas canções alemãs na obra *Liederbuch* (Cancioneiro) (1922), destinado às famílias e associações que pretendiam “cultivar e preservar a canção alemã” (Friederichs apud Grützmann, 1999, p. 185). Em 1937, co-editou a obra *Grundsätzliche Betrachtungen zur Anschlußfrage* (Considerações Fundamentais com respeito à questão da anexação), uma pequena brochura, na qual são explicadas as razões para a não-incorporação do *Turnerbund* ao Verband Deutscher Vereine (VDV) de Berlim; na verdade, uma defesa da não-incorporação de qualquer sociedade teuto-brasileira a essa instituição alemã. Ali são apresentadas as diferenças existentes entre as sociedades alemãs ou do reino (*Reichdeutsche Vereine*) e as sociedades teuto-brasileiras (*Deutschbra-silianische Vereine*) (p. 2 a 4) e as razões para que as últimas permanecessem autônomas (p. 5). O texto afirma com veemência a “ligação apenas cultural” (p. 5) das sociedades com a Alemanha.

Referências bibliográficas

- BAK, J. Class, ethnicity and gender in Brazil: the negotiation of worker's identities in Porto Alegre's 1906 strike. *Latin American Research Review*, Albuquerque, LARR, v. 35, n.3, 1999, p. 83-124.
- BECKER, K. (Org.). *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Regional, v. 5, 1958.
- BENSA, A. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, J. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 39-76.
- BERCHT, Arnold; ENGLERT, Gaston; FRIEDERICHS, J. Aloys. *Grundsätzliche Betrachtungen zur Anschlussfrage*, n.1, 1937.
- BILHÃO, I. *Rivalidades e solidariedades no movimento operário: Porto Alegre 1906-1911*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- BLANCATO, V. *As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1º Centenário da Independência do Brasil 1822-1922*. Porto Alegre: Globo, s/d.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.
- CEM ANOS de germanidade no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2000.
- DAMASCENO, A. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- DOBERSTEIN, A. *Estatuários, catolicismo e gauchismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- DÖRNTE, R. Uma pequena contribuição para a biografia do Dr. João Daniel Hillebrand. In: *Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 1984, São Leopoldo. *Anais...*, São Leopoldo: 1984. p. 145-148.
- DREHER, M (org.). *Hermann Gottlieb Dohms: textos escolhidos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- _____. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal/EST/Educs, 1984.
- ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FAUSEL, E. *Alberto Bins: o merlense brasileiro*. São Leopoldo: Rotermund & Cia, s/d.
- FRIEDERICHS, A. *Liederbuch*. Porto Alegre: Typographia Mercantil, 1922.
- _____. *Reden bei Feiern der Turnerschaft und des Verbandes Deutscher Vereine*. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1928.
- _____. *Die Bismarckrunde in Porto Alegre: ihre Entstehung und Entwicklung*. Porto Alegre: Typographia Mercantil, 1929.
- GANS, M. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GERTZ, R (Org.). *Karl von Koseritz: seleção de textos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- GERTZ, R. *O perigo alemão*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998. (Síntese Rio-Grandense).
- GILLES, K.-J. *Die Geschichte der Stadt Zell-Mosel bis 1816*. Trier: Ensck GmbH, 1997.
- GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.
- GOMES, A. de C. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, Â. de C. (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13-47.

- GRÜTZMANN, I. *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – PUC, Porto Alegre.
- HUNSCHE, C. Klingelhoefter, o pastor farrapo nos seus 200 anos de nascimento em 15 de setembro de 1984. In: *Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 6., 1984, São Leopoldo. Anais... São Leopoldo. 1984, p. 137-144.
- KUNERT, U. Vida e obra do pastor Ernst August Kunert. In: *Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 1978, São Leopoldo. Anais..., São Leopoldo. 1978. p. 249-267.
- LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1994. p.133-161.
- LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.
- MAGALHÃES, M. Velhos e novos nacionalismos: Heimat, Vaterland, Gastland. *História: Questões & Debates*, Curitiba, APAH- Associação Paranaense de História, p. 77-111, jun./dez. 1989.
- _____. *Alemanha, mãe-pátria distante: a utopia pangermanista no Sul do Brasil*. 1993. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas.
- MOOG, C. O leopoldense Lindolfo Collor. In: *Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 2., São Leopoldo, Anais... São Leopoldo. 1976. p. 19-41.
- NEIS, Pe. R. Padre Teodoro Amstad (iniciador do cooperativismo de crédito no Brasil). In: *Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 2., São Leopoldo. Anais..., São Leopoldo. 1976. p. 239-257.
- PESAVENTO, S. *A burguesia gaúcha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- _____. De como os alemães se tornaram gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, C., VASCONCELLOS, N. (Orgs.). *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994. p. 199-207.
- PETERSEN, S. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Orgs.). *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 277-327.
- PETERSEN, S. R. F; LUCAS, M. E. *Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992.
- RAISON, J-P. Migração. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986. p. 488-517.
- REVEL, J. Microanálise e a construção do social. In: REVEL, J. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-38.
- RICCI, M. Como se faz um vulto na História do Brasil. In: GUAZZELI, C. et al. *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p. 147-160.
- RIoux, J-P. A associação em política. In: REMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996. p. 99-139.
- ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SCHEBEN, Joseph. Eifeler Amerika-Auswanderung im neunzehnten Jahrhundert. *Rheinische Vierteljahrsblätter*, Jahrgang 2, 1932, Bonn, p. 257-277.
- SCHMIDT, B. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendência e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos 90*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, n. 6, p. 165-192, dez. 1996.

- _____. *Opatriarca e o tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas.
- SEYFERTH, G. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. *BIB (Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais)*, Rio de Janeiro, ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, p. 3-55, 1º sem. 1988.
- _____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, COMISSÃO; VASCONCELLOS, N. (Orgs.). *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994. p.11-27.
- SILVA, H. K. *SOGIPA: uma trajetória de 130 anos*. Porto Alegre: Sogipa, 1997.
- TELLES, L. A Bismarckrunde em Porto Alegre. *Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 1., 1974, São Leopoldo. Anais..., São Leopoldo. 1974. p. 191-219.
- _____. Friederich Bieri – professor evangélico e pioneiro do Espiritismo no Rio Grande do Sul. *Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 2., São Leopoldo. Anais..., São Leopoldo, 1976. p. 115-134.
- TESCHE, L. *A prática do Turnen entre os imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867-1942*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1996. (Série Dissertações de Mestrado).
- WIESE, L. *Deutsches Turnen in Brasilien*. Göttingen: J. Kinzel, 1996.
- WILLEMS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. Brasília: Cia. Ed. Nacional, 1980.
- XAVIER, R. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZZELLI, C. et al. *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p. 161-173.
- XAVIER, R. *Tito de Camargo Andrade: religião, escravidão e liberdade na sociedade campineira oitocentista*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas, SP, 2002.

